

ANO 1-N. 3—Lisboa, 1 de Abril de 1926

Evaristo de Carvalho

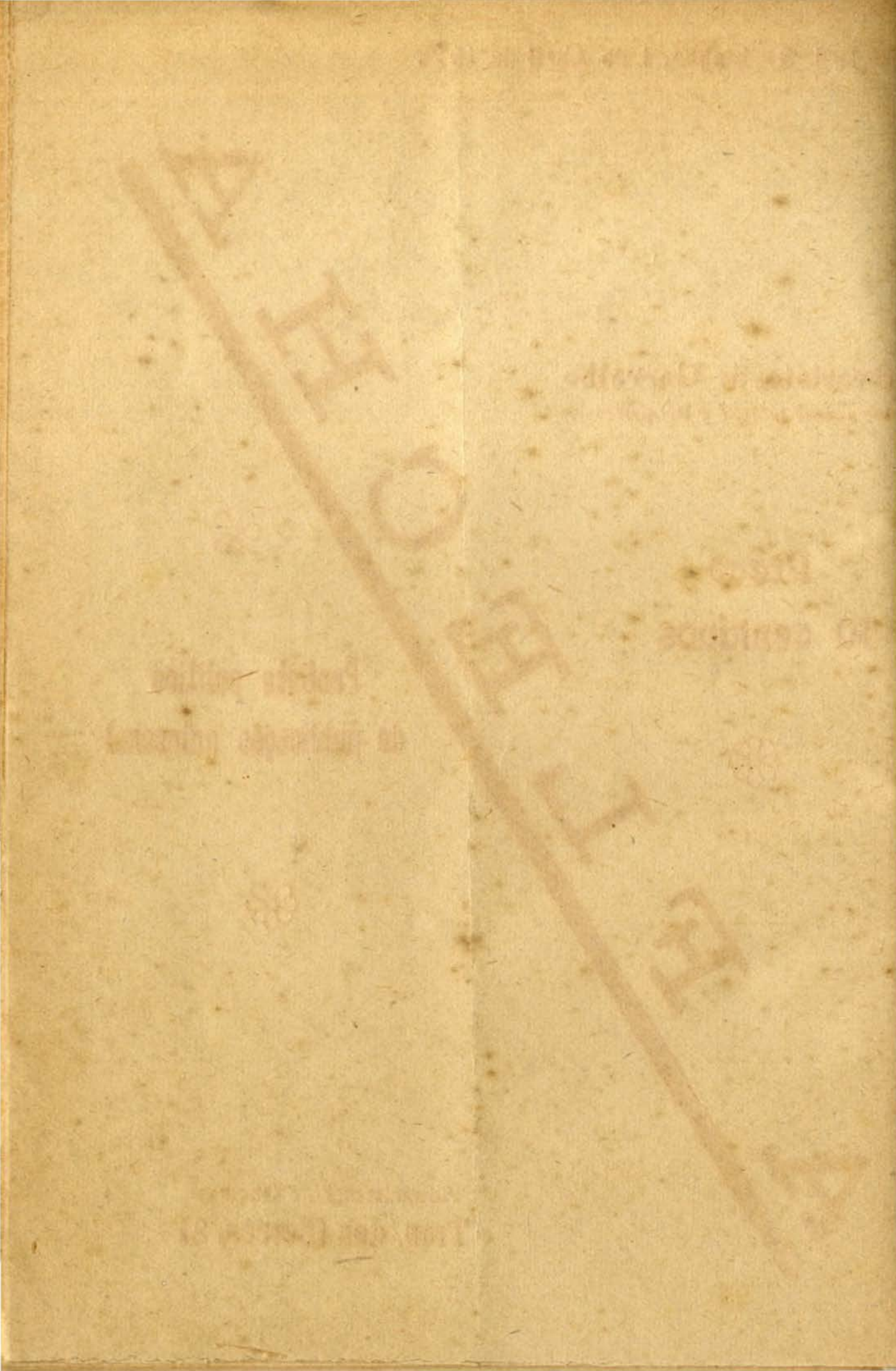
Director, Editor e Proprietario

Preço

50 centavos

Panfleto politico
de publicação quinzenal

Administração e Oficinas
Trav. das Mercês, 31



Evaristo de Carvalho

Director, Editor e Proprietario

A FLECHA

Panfleto Quinzenal

N.º 3

Exatido do Conselho

Exatido do Conselho

A FILHO

Exatido do Conselho

Exatido do Conselho

GOVERNO NACIONAL

Regressámos aos maravilhosos tempos biblicos, em que a Inteligencia e a Sabedoria desciam, em linguas de fogo, sobre a cabeça resplandecente dos escolhidos de Deus! Tempos de milagre!...

Ainda, outro dia, no Parlamento, o Dr. João Camoêsas discursou durante nove horas seguidas! E dizem-me que o fez, com o mesmo fôlego sempre, sempre igual — no fim, como no principio—sempre com a mesma voz e o mesmo brilho! Ora, por mais vastas pesadas e fundamente sulcadas que sejam as massas cerebraes do ilustre deputado—pessoa, inegavelmente, inteligente e culta—por maior que seja a força e a resistencia das suas cordas vocaes; a Anatomia e a Fisiologia não podem explicar, sufficientemente, o extraordinario fenomeno...

.
Para alem dos mundos, ha, certamente, novos e larguissimos horisontes, que não vêmos. A nossa pobre intelligencia não chega lá. Por mais que rufle e bata a asa intrépida e leve

não chega a descortina-los, sequer, ao longe. Para além dos mundos, ha, sempre, mundos! Para além dos oceanos e abismos, ha, sempre, abismos e oceanos!

E a nossa pobre intelligencia estonteia-se, esmorece e cae...

O mesmo succede, precisamente, quando olhamos para a politica portugueza dos ultimos tempos. O nosso olhar poisa em maravilhas, mas essas maravilhas ficam, sempre, enigmaticas e misteriosas. A intelligencia não logra, não digo já, desvenda-las, mas, simplesmente, roçar-lhes, ao de leve, pela epiderme. Volita á sua roda, e olha-as com o olhar com que penetra os soes e desnuda, impiedosamente, as estrelas, mas nada consegue. E, no fim, extenuada, a arfar, de cançasso, estonteia-se, esmorece e sucumbe, como a ave que, das perturbantes alturas do ar, caísse, moribunda, depois de ter rompido e esface'ado as asas, no louco e imprudente sonho de querer poisar nos astros...

Tempos de milagre!...

De onde vem tanta maravilha?

De onde sae tanto homem notavel?!

De onde irrompe tanta capacidade junta?!

.

Tempos de milagre!...

Certamente, o espirito de Deus anda, pela terra, soprando. E, com ele, deverá andar um estranho Profeta a ungir os homens, com o oleo sagrado que, espargido, liturgicamente, na testa, no peito e nos braços de David, immediatamente, lhe deu intelligencia, sabedoria e poder indestructiveis. E, a cada um dos ungidos, o Profeta dirá, com uma perturbante voz, que vem de muito longe e é a voz formidavel e irresistivel de toda a vida universal:

—Vae...

E o homem vae.

O busto apruma-se-lhe. O olhar fulgura-lhe. A fronte resplandece-lhe.

Ao, ouvido, a voz repete-lhe:

—Vae...

E ele vae. Simplesmente, não vae onde muito licito seria que fôsse. A politica não deixa. Faz-lhe, immediatamente, cêrco. Indigita-o para Deputado. Indigita-o para Senador. Fala nele para Alto Comissario da Republica. Indica-o para Ministro...

De que pasta?

Indiferente. Uma ou outra. A do Interior, a do Comercio, a das Finanças, a das Colonias, a da Justiça. Qualquer...

Qualquer, porque, em qualquer delas, o nosso homem será *the right man in the right place*.

Ou ele não fôsse o ungido de Deus...

Ou ele não tivesse recebido, liturgicamente, a benção do Profeta que, dentro da vasta cabeça, com o agradecido e comovido assentimento do sr. Antonio Maria da Silva, traz os nomes de todos os ministros passados, presentes e futuros até ao ano, ainda distante, de 2 000!...

Assim, se explica, então, porque foi que o Dr. João Camoêsas, pessoa, alias, por quem temos a maior consideração, poudo, de um só fôlego, proferir, no Parlamento, um formidavel discurso de nove horas seguidas!

Assim, se explica, então, muita coisa. Como é que uma alimaria — perdõem o termo — *fura* e sobe, na politica! Como é que um morcêgo se transforma em aguia! Como é que um ignorante nos aparece transformado em sabio!

Milagre dos biblicos e maravilhosos tempos em que vivemos e em que ha Profetas e Ungidos do Senhor...

Duma pedra, faz-se uma estrela! Dum verme, faz-se um gigante. Dum boçal, faz-se um deputado, um senador, um ministro, um homem de Estado! Somente, o que dele ainda se

não conseguiu fazer foi um homem que pudesse ligar duas idéas aproveitáveis e as soubesse, depois, expôr, com precisão e clareza, aos outros.

Isso, não. Até aí, não chegou, ainda, o milagre dos biblicos tempos que correm e em que ha Profetas e Ungidos do Senhor...⁽¹⁾

*

*

*

Em todos os paizes civilizados, ha, sempre, um grande pensamento proprio, que age como estimulo e coordenação das actividades nacionaes — é o seu pensamento politico. A Inglaterra tem-no como ninguem, bem delineado, bem definido. O *Foreingn Office* guarda-o, integro. E é, em volta dele, que gira toda a politica interna e externa da grande Nação, nossa aliada.

A França da Revolução, do Primeiro Imperio e da Grande Guerra, a França que é quasi nossa, pela comunhão intellectual, tem, egualmente, o seu grande pensamento politico. O *Quai d'Orsay* tem uma continuidade de vistas e uma orientação, á volta da qual se desenrola a politica franceza.

O mesmo succede, em Espanha. O mesmo succede, em Italia. O mesmo succede, em toda a parte...

Em toda a parte, não digo bem. Nós fazemos excepção. O

(1) Podia apresentar, aqui, uma estupenda lista destes Ungidos do Senhor, verdadeiros Principes da Republica — e que Principes! Uns, são antigos e persistentes monarchicos—o maior numero; outros, se não são monarchicos, são pelo menos, acomodaticios republicanos, sem o menor sacrificio pela Causa; e uns e outros, cheios de grossissimas prebendas, de pingues fabulosos e acumulados ordenados! Para auferir gordos proventos—lá estão eles! Para sofrer pela Republica, quando é necessario—lá estão os outros!

E ainda, por cima, se riem!...

nosso Terreiro do Paço, de soberba e magestosa perspectiva arquitetónica, de inegualavel doçura e transparencia de horizonte, ás tardes, sobre o Tejo e os montes longinquos da Outra Banda, é, por dentro, de uma sonolencia e uma preguiça, verdadeiramente, oriental. Raramente, abre os olhos. Mas, se os abre, é para fixar, apenas, a monumental estatua equestre de Dom José. E isto, mesmo, será, talvez, pelo simples motivo de uma apaixonada e fraterna simpatia pelo cavalo, tão bem lançado, nas suas finas, esbeltas e vigorosas linhas de bronze...

De forma que:

Nós não temos um grande pensamento nacional. Não temos uma clara noção da nossa finalidade historica. Andamos, ás cegas...

¿Pois não me dirão em que sentido, além do da secular aliança com a grande Nação Inglesa, se desenvolve e caminha a ação da nossa politica externa?

¿E, internamente, que orientação procuramos dar á nossa politica comercial, industrial e agricola?

¿Que sentido nacional procuramos dar á nossa instrução publica?(¹)

¿Que politica desenvolvemos ou procuramos desenvolver em relação ao nosso grande dominio ultramarino; e, em especial, e concretamente, em relação ás nossas provincias de Angola e Moçambique, nesta hora, talvez, mais do que nunca, cercadas de ciladas e perigos?

Eu sei. Para os mandarins e regedores que teem a politica portugueza fechada, na mão, estas perguntas serão consideradas ociosas. Os ministros e os Directorios hão-de acha-las

(¹) A pasta da Instrução é, neste momento, sobraçada por um homem, superiormente inteligente. Mas o que poderá ele fazer?! A grande obra nacional, a realisar, tem que fazer-se, em conjuncto e não em detalhe...

muito abstractas e confusas. E o proprio Parlamento, se elas lhe chegarem ao ouvido, não digo, já, que desate, a rir, ás gargalhadas, mas, certamente, ha-de sorrir, com um grande e olimpico desdem. E, assim, se sairá do embaraço que seria a resposta a tão vagas e impertinentes perguntas, lançadas, como atrevida pedrada, sobre a face tranquila e serena de um lago.

Se ele dorme, não acordemos o Terreiro do Paço.

Se o virmos acordado, deixemo-lo contemplar, á vontade, o cavalo da estatua de Dom José, tão bem lançado, nas suas finas, esbeltas e vigorosas linhas de bronze...

*

*

*

O que, no terreno politico, divide, em Portugal, os homens, não é bem, a meu ver, uma questão de idéas ou principios. Se o fôsse, com certeza, não veriamos, em lucta, agrupamentos politicos que erguem uma bandeira comum.

O que divide e separa, portanto, esses agrupamentos, não é uma razão, de ordem intellectual ou de ordem moral — é, *tout court*, uma razão, de ordem pessoal.

E, daqui, deriva que a mais cerrada e convincente argumentação politica, não sae da cabeça — sae do musculo. Uma idéa, uma orientação, uma attitude, em politica, não se defende com palavras — defende-se á bofetada, a murro, a tiro. Um raciocinio, por mais brilhante que seja, tem, sempre, nma logica e um poder de convicção muito inferiores aos de uma forte bengalada, na cabeça do adversario. Não ha silogismo que valha um valente e substancioso ponta-pé, aplicado, com alma no fundo das costas de um contradictor audaz. O éco dos ultimos Congressos Partidarios, realizados, em Lisboa, traz-nos provas concludentissimas do asserto!.

Se, porem, o musculo falha, ha, então, um outro recurso — o da injuria de viéla, o da grosseria de alcouce. Malandros, bandidos, canalhas, e outras palavras ainda mais sugestivas e emocionantes, são as finas joias magnificentes da nossa literatura politica.

Se passar-mos a vista, ao de leve que seja, pelo relato das sessões parlamentares, lá encontraremos este requinte do paladar politico. Não são, aí, tão frequentes, como nas reuniões partidarias, os traumatismos corporaes — é certo. Em compensação, porem, os traumatismos moraes excedem aqueles! O insulto e a injuria manejam-se, ali, com uma alta pericia, inexcusavel!

A incontinencia de linguagem, os modos aggressivos, as pimponices, a violencia, por vezes, escabrosa, das palavras, dão bem a medida da irritação enorme que divide e separa os nossos politicos ..

Ainda, ha dias, os jornaes se fizeram éco de uma frase pronunciada pelo illustre Presidente do Ministerio, numa das sessões do Parlamento. Parece que foi uma frase de grande alcance politico — uma destas frases que ficam, na Historia. Ela punha, de algum modo, em confronto, a classe dos funcionarios publicos e a classe dos cavalos da Guarda Republicana e diga-se tudo — com uma certa vantagem para estes. Pois, senhores! — foi o diabo! Em volta de semelhante fraze, tão requintadamente delicada e politica, a Malidicencia dos Cafés e da Arcada, lançou fóra da boca a todo o cumprimento, a esverdeada lingua venenosa e teceu os mais azêdos e acres comentarios '...

O caso não era, e não é, para tanto. Dizia *Talleyrand*, o grande diplomata do Primeiro Imperio, que a palavra fóra dada ao homem para lhe encobrir o pensamento. Ora um politico, e um politico, especialmente, da soberba envergadura

mental do illustre presidente do Ministerio, é - tem que ser - mesmo, pela força das circunstancias, mais ou menos, um diplomata, e, a falar, recorda-se, naturalmente, dos ensinamentos do grande mestre da diplomacia franceza...

Assim, devemos concluir que o senhor Antonio Maria da Silva, ao invocar os cavalos da Guarda Republicana, quiz servir-se deles, apenas, para lhe cobrirem o pensamento; que esse pensamento poderia estar longe, até, na ocasião, das cavalariças e das mangedouras do Carmo; e que ninguém tem, portanto, o direito de espiolhar, na frase, já celebre, de Sua Excelencia, qualquer malevolo intuito de ofensa e agressão.

Se a frase, assim, a podemos, risonhamente, explicar, ela não deixa, porém, de constituir um formidavel sintoma da irritação que, mesmo, no Parlamento, divide e incendeia os homens! Os homens odeiam-se, ferozmente, e este odio pode, um dia, explodir e levar-nos muito longe...

Deixo de frizar, com os sublinhados que merecia, a inferioridade de uma politica, a todo o momento, descaindo no murro, no ponta-pé e no insulto! Não pretendo medir as largas distancias que a separam, cada vez mais, dos limites de uma necessaria e, até, imprescindivel, boa educação. Desejo apenas, salientar que a politica, assim conduzida, pelo caminho agreste das violencias e dos impropérios, nada poderá, de util e benefico, produzir.

*

* *

Os cégos, não vêem...

Pois só os cégos não veem que a politica de chinguicho e corda, de estúpida imprevidencia, de boçal regedoria e por,

vezes de grossa imoralidade — a nossa politica actual — não serve ao País nem á Republica.

Só os cégos não veem que caminhamos, apressadamente, para tragicos e sombrios dias de revolta e colera, se não mudarmos, radicalmente, de processos politicos.

Só os cégos não veem que se torna, imperativamente, necessario pôr um pouco de intelligencia, de cultura de espirito e, até, de boa educação, na politica que, para aí, se arrasta, sem pudôr e sem vergonha da propria insignificancia!...

Só os cégos não veem que urge arejar os Ministerios e o Parlamento, com uma lufada de Europa e civilisação.

Só os cégos não veem que a razão de ser e a força moral de uma Democracia assentam, principalmente, na acção e no prestigio da lei; e que a lei só pode ter prestigio e ser respeitada, sendo intelligente, justa e honesta, baseada em insofismaveis e imperiosas necessídades sociaes e não no individual e mesquinho interesse de amigos e partidarios ou na ambição, ganancia e desmedida avidez de aventureiros Potentados da Alta Banca ou da grande Industria, representantes, em geral, de forças parasitarias, que apenas, a complacencia, a protecção e os escandalosos favores do Estado amparam e sustentam!...

Só os cégos não veem que, no regimen democratico em que, supostamente, vivemos, temos uma tola instrução publica e um asnatico ensino reaccionario, tudo fabricado, em geral, e decretado e promulgado, em especial, não em beneficio da cultura e aproveitamento scientifico e literario do estudante, mas em beneficio, quasi exclusivo, da classe dos professores!...

Só os cégos não veem que temos uma disparatada e feudal legislação e organização de contribuições e impostos!

Só os cégos não veem que temos uma legislação civil e commercial atrasadas e deficientes, acompanhadas de uma ran-

cosa legislação de processo, que torna demoradissima a ação dos tribunaes e monstruosamente avultadas as respectivas custas!

Só os cégos não veem, nem sentem, nem, ao menos, lhes dá o cheiro de que temos uma legislação e organização penal, carcomidas de caruncho e moldadas, ainda, nas teorias classicas e metafisicas do velho tempo em que Beccaria prégava as suas altas e generosas ideias humanitarias!...

Só os cégos não veem que tudo isto tem de levar uma volta! O senhor Antonio Maria da Silva com a sua intelligencia cultissima, sente-o com certeza. O senhor Nunes Loureiro já o confidenciou, certamente, ao trovesseiro que, na cama, tem a honra de lhe suportar a cabeça. E os outros, tão insignificantes que nem me sinto com a coragem de lhes citar os nomes, hão-de, já, ter aberto os olhos, tambem, quanto mais não seja, para contemplar a monumental estatua equestre do Terreiro do Paço...

*

*

*

Dentro do emaranhado e complicado xadrez politico actual, creio bem que será impossivel governar, eficazmente. A politica é ainda uma fumarada que encobre o ceu. E a sua Astrologia que tem uma secção, no *Diario de Noticias* e, outra, em *O Seculo*, dá-nos, todos os dias, previsões arrepiantes.

O bom senso, porem, não deverá ter desertado, para sempre, da terra portugueza e, especialmente, dos arraiaes politicos. Ha, ainda com certeza, homens de bom-senso, inteligentes, cultos e patriotas, na politica portugueza, dessemninados por todos os seus partidos e agrupamentos.

Estes homens que intervenham, pois ! Arréde-se, um pouco, para o lado, o maldito e complicado xadrez, com os cabeçudos jogadores, que mais não veem de que as pedras do taboleiro e as mil e uma combinações e imaginosos calculos do jogo. A estes, faça-se-lhes ver que o jogo tem os seus deleites e vantagens, mas tem, igualmente, a sua oportunidade. Essa oportunidade, não é a do momento grave que o paiz atravessa. Deixem, primeiro, reorganisar o paiz. Deixem lançar as bases do seu ressurgimento financeiro e economico. Deixe trabalhar quem possa, utilmente e com efficacia, trabalhar. Deixem formar um governo, a valer, com os altos valores que, felizmente ainda se podem recrutar nos partidos. Deixem fazer politica, mas não a politica dos Directorios, dos Governos Civis, das Administrações dos Concelhos, dos compadres, dos afilhados, dos regedores, mas uma politica, mais alta e mais nobre—a politica da Nação Deixem fazer tudo isto, primeiro. E joguem, depois. Coloquem, depois, novamente, as pedras, no taboleiro e joguem, á vontade, o difficil e oriental jogo do xadrez ..

* *

*

Tem se falado, tantas vezes num governo Nacional, presidido por uma alta figura da Republica e, tantas vezes, tem falhado e caído esse grande sonho de Redenção ! Umas vezes, por isto. Outras, por aquilo. Mas, sempre, por causa das escorregadias cascas de laranja que lhe teem, estúpida e criminosamente, lançado, no caminho!...

Pois são horas de erguer, novamente, o sonho. Juntem-se, novamente os velhos republicanos e todos os que, sincera e devotadamente, amam a Republica, que o sonho caminhará, a

passos firmes e agigantados, para uma clara e esplendida realidade.

Mãos á obra. Seja o governo o primeiro a reconhecer, lealmente, a inutilidade do seu esforço, muito dedicado, muito bem intencionado, muito bem conduzido e orientado, mas por completo, estéril ou inutil.

Sejam os directorios os primeiros a estender, voluntariamente, a mão á palmatoria, reconhecendo que a plenitude da sua benéfica e inteligente acção politica, terá melhores e mais cómodas oportunidades, para resplandecer e brilhar.

Reconheçamos, todos, enfim, que embora a Republica não possa prescindir dos seus partidos politicos, ha, todavia, horas de excepcional e delicada gravidade, em que a acção desses organismos deve ser, um pouco, posta de parte.

E se o emaranhado, a gravidade e a complicação do nosso momento presente é, principalmente, o producto da pessima orientação que se tem seguido — mesquinha politica de bandos, á volta de homens e de ambições, nem sempre legitimas — com maioria de razão teremos de reconhecer a necessidade de se fazer baixar, por algum tempo, ao quadro da inactividade, a Agua de Flôr, o Calhariz, os Capuchos e todos as outras Capelas e Capelinhas politicas.

O que o País impõe — é a sua reorganização. O que a Republica nos pede — é, de novo, o seu prestigio. E tanto aquella como este, só se conseguirão, no momento, com a formação de um Governo Nacional.

Evaristo de Carvalho

A FLECHA sai nos dias 1 e 15 de cada mez.

Assignaturas

Um ano	26	N. ^{os}	13\$00
Seis meses	12	N. ^{rs}	6\$00
Tres »	6	—	3\$00

Pagamento adeantado

Composto e impresso
TIPOGRAFIA FORMOSA
Rua do Seculo, 2-C, 1.º
LISBOA